

CARRICO, André. **Mamulengos no Museu Câmara Cascudo – perspectivas de um projeto**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Professor Adjunto I. Ator e diretor.

RESUMO: O projeto de extensão Mamulengando – Teatro de Bonecos da UFRN almeja fortalecer esse gênero de espetáculo popular na cidade de Natal. Interdisciplinar, reúne professores, técnicos e alunos engajados em criar um grupo permanente de Mamulengo no Museu Câmara Cascudo, a partir da troca de saberes-fazeres com mestres da tradição. A partir de agosto de 2017, vinculou-se à pesquisa *Mudança e Permanência no Mamulengo Contemporâneo* e começa a discutir as relações entre os brincantes e as contingências contemporâneas, bem como os limites entre tradição e renovação.

PALAVRAS-CHAVE: Comédia Popular, Teatro de Formas Animadas, Teatro de Mamulengo.

ABSTRACT: The Project of extension *Mamulengando– Teatro de Bonecos da UFRN* aims to strengthen this genre of popular theater in the city of Natal. Interdisciplinary, it gather teachers, technicians and students engaged in creating a permanent group of Mamulengo at the Museum Câmara Cascudo, trough the exchange of know-how with masters of tradition. Starting from August 2017, he was linked to the research *Change and Permanence in the Contemporary Mamulengo* and began to discuss the relationships between puppeteers and contemporary contingencies, as well the boundaries between tradition and renewal.

KEYWORDS: Popular Comedy, Puppet Theatre, *Mamulengo's* Theatre.

Como pesquisadores das formas populares de teatro de bonecos no Nordeste, o Teatro de Mamulengo, aportamos nossa pesquisa acadêmica à Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde que aqui chegamos em 2016. A partir de março daquele ano, iniciamos a pesquisa *Mudança e Permanência no Mamulengo Contemporâneo*, cujo principal alvo é refletir acerca dos limites entre continuidade e ruptura no trabalho de brincantes de Mamulengo da atualidade.

Paulatinamente, começamos a entrar em contato com o contexto desse gênero de teatro no Estado potiguar. A partir do contato com a pesquisadora Maria das Graças Cavalcanti Pereira e de dados da Associação Potiguar de Teatro de Bonecos (APOTB), iniciamos um levantamento do contexto local de brincantes e brincadeiras de Mamulengo, aqui denominado também de Teatro de João Redondo.

A *brincadeira* de João Redondo consiste na representação de esquetes cômicos cujo texto é quase todo improvisado de acordo com as reações da plateia, embora a ação dramática seja estruturada sobre uma tipologia fixa movimentada por meio de *passagens* - esquetes tradicionais que compõem um repertório. Os enredos envolvem os personagens-tipo (representados por bonecos geralmente de luva) em quiproquós e pancadarias. Apresentam também piadas, situações de erotismo, danças e canções folclóricas, poemas de cordel e, às vezes, personagens históricos e mitológicos. Por sua própria constituição, esse gênero teatral é miscigenado, carregando elementos da

Literatura de Cordel, da Música, das Artes Visuais e das danças dramáticas da Cultura Popular.

Durante seu primeiro ano, a pesquisa *Mudança e Permanência no Mamulengo Contemporâneo* buscou identificar convergências e interações entre o teatro popular e a cena contemporânea por meio da análise da produção de mamulengueiros atuantes na cidade de Natal. A partir dos conceitos de hibridação cultural e de cultura urbana, Canclini (2013) pretendeu refletir acerca dos limites entre mudança e permanência na tradicional arte do Mamulengo. Acompanhamos apresentações de bonecos, visitamos ateliês de mamulengueiros e museus, entrevistamos Raul do Mamulengo e Heraldo Lins. Princípios o estabelecimento de um modesto banco de dados (fichas catalográficas, textos, fotos e vídeos) de brincantes norteriograndeses.

O Mamulengo é uma arte pouco disseminada nos cursos acadêmicos em Artes, como de resto, nos meios de difusão de cultura e informação do Brasil. Muitas vezes é tomado por uma manifestação *folclórica* respeitada, porém, exótica, pouco conhecida e, por isso, tratada como intocável. Pouco se fala dele. Por aliar, sobretudo, os saberes e fazeres em torno das Artes Visuais (escultura, pintura, cenografia, figurino) e do Teatro (dramaturgia, atuação, encenação e manipulação), defendemos a necessidade de os cursos de graduação em Licenciatura de modalidades artísticas abrirem espaço para a transmissão da riqueza de conteúdo e de procedimentos técnicos dessa arte – ainda circunscrita ao repertório dos velhos mestres e, no caso de alguns deles, provavelmente fadados à extinção.

Foi a partir da avaliação dessa necessidade que, em fevereiro de 2017, em parceria com a professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais Laís Guaraldo, surgiu a ideia de apresentar a arte do João Redondo aos discentes. A proposta era transmitir-lhes os saberes-fazeres referentes à construção e animação de mamulengos a partir dos conhecimentos de um mestre brincante de João Redondo. Pretendeu-se ainda sistematizar, com o auxílio das experiências dos discentes participantes da oficina e orientação dos professores responsáveis, material paradidático acerca das possibilidades de utilização do Mamulengo como meio didático-pedagógico nas aulas de Artes do ensino regular. Desta maneira, foi tomando forma o projeto *Escola de Mamulengo*.

O principal objetivo do projeto era ampliar as práticas de construção do conhecimento dos alunos de Artes, em especial aqueles de Teatro e Artes Visuais, divulgando e valorizando conteúdos e formas da cultura popular brasileira, particularmente o João Redondo-Mamulengo que, embora oriundo do Rio Grande do Norte, seja tão pouco conhecido de nossos discentes. Pretendemos subsidiar de conteúdo e formas professores e alunos dos cursos oferecidos pelo Departamento de Artes, bem como por outros departamentos, além de oferecer materiais e temas para problematização nos grupos de pesquisa e extensão relacionados à cultura popular.

O projeto, a princípio, almejava contribuir com as pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da universidade relacionadas às poéticas de matriz popular, uma vez que tentou-se vinculá-la também à disciplina *Poéticas da Cena Popular – dramaturgias e estéticas*. Esse objetivo, entretanto, não se realizou, uma vez que nenhum dos participantes dessa disciplina teve

disponibilidade ou interesse em fazer a oficina. As ações da “escola” também dialogaram com a disciplina *Teatro e Cultura Brasileira* do curso de graduação em Teatro. Nesse caso, três alunos da disciplina participaram da construção dos títeres e um deles integrou o elenco da brincadeira resultada da oficina.

Aprovada pela universidade como uma ação de extensão, nossa *Escola de Mamulengo* teve desde o início o apoio do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, por meio do Programa *Plano de Cultura*. Em julho de 2017, os professores André Carrico e Laís Guaraldo foram convidados pelo diretor do Museu da UFRN “Câmara Cascudo”, professor Everardo Ramos, a integrarem o projeto *Mamulengando – Teatro de Bonecos da UFRN*. A parceria efetivou-se a partir de agosto.

O *Mamulengando* almeja criar um grupo permanente de teatro de bonecos na universidade. O objetivo é renovar e fortalecer esse tipo de espetáculo popular, articulando-o a diferentes atividades acadêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão. Está prevista ainda a criação, no museu, de um espaço especialmente dedicado a apresentações regulares de Teatro de Bonecos. Pretende estimular as visitas ao museu, tanto de escolas quanto as espontâneas, aos finais de semana, atrelando-as a apresentações de títeres. Para tanto, naquela altura, o projeto já contava com três bolsistas de extensão, sendo dois alunos de Teatro e uma de Artes Visuais. Oferecemos então a Everardo a integração de nosso programa ao do Museu, a junção entre a *Escola de Mamulengo* e o *Mamulengando Teatro de Bonecos da UFRN*. Acordada a parceria, partimos para a divulgação de nossa oficina.

O público alvo da *Escola de Mamulengo* eram discentes do DEART (Artes Visuais e Teatro), incluindo, especialmente, os três bolsistas do projeto *Mamulengando – Teatro de Bonecos da UFRN* (MCC) e mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGARc).

Concretamente, o projeto realizou uma oficina ministrada pelo mestre Emanuel Araújo, no total de 16 horas, distribuídas entre oito encontros de duas horas cada um, de 29 de agosto a seis de setembro. Metade das aulas ocorreu no Museu Câmara Cascudo, metade nas oficinas do Departamento de Artes da UFRN. Dessa oficina resultou a produção de 12 bonecos, sendo 10 de luva e dois de vara, alguns objetos de cena e uma peça (brincadeira) com duração de 25 minutos.

Inicialmente, os participantes do projeto assistiram a duas aulas teóricas sobre o Boneco Popular Brasileiro ministradas pelo professor André Carrico, a fim de conhecerem a história, a natureza, a função, a estrutura e a relevância cultural da brincadeira de Mamulengo. Nelas tiveram contato com uma bibliografia básica sobre o gênero: Borba Filho (1966), Santos (1978), Pimentel (1988), Brochado (2005), Alcure (2007). Em seguida, visitaram o acervo de mamulengos da reserva técnica do Museu Câmara Cascudo. Ali, puderam fazer perguntas à servidora responsável, Jaylma Medeiros, fotografaram e manipularam bonecos dos mais importantes brincantes potiguares: João Viana, Zé Relampo, Dona Dadi, Chico Daniel, Raul do Mamulengo. Na semana seguinte, iniciaram-se as aulas práticas.

12 alunos se inscreveram para a nossa *escola*, entretanto, cerca de quatro deles desistiram no decorrer das aulas. Dos alunos que não concluíram a oficina, a maioria era do curso de Artes Visuais, sendo três bolsistas de

extensão do Museu Câmara Cascudo e um de iniciação científica, com pesquisa voltada para o Mamulengo.

Durante a oficina com o mestre Emanuel, os discentes tiveram acesso a duas técnicas de construção da cabeça do Mamulengo: uma por reciclagem de materiais plásticos, como garrafas pet e embalagens de iogurtes; e outra através de cabaças. Por decisão da maioria, optou-se pela segunda opção para a fabricação de nosso elenco de títeres. Para o acabamento do rosto dos fantoches ainda foram utilizados sisal, EVA, isopor, massa de papiê-machê e retalhos de tapeçaria. As túnicas foram costuradas sobre retalhos de tecidos e as mãos com espuma.

A ideia inicial era de que cada participante construísse um mamulengo, mas, no decorrer das aulas e com a desistência de alunos, alguns acabaram assumindo a finalização de mais de um boneco. Ao mesmo tempo em que as cabeças dos mamulengos eram esculpidas, os discentes eram também apresentados aos principais personagens-tipo do gênero: Baltazar, Quitéria, a Cobra, Capitão João Redondo, a Donzela. O mestre Emanuel, aos poucos, ia também contando as histórias dessa tradição. Finalizados os mamulengos, no último encontro, o brincante levou sua própria tolda de apresentação e a mala na qual transporta seu elenco de títeres. De dentro da *barraca* apresentou algumas técnicas de manipulação, deu dicas sobre alternância de vozes, movimentação de braços e salientou a importância da interatividade tolda-plateia para manter o interesse da brincadeira.

Terminada a oficina da *Escola de Mamulengo*, caberia aos três bolsistas do *Mamulengando* e ao pesquisador de iniciação científica a montagem do espetáculo. A partir dos brinquedos construídos pelos participantes (além de suas indumentárias, adereços, etc) a proposta foi conjugar os aspectos pictóricos, de dramaturgia, encenação e atuação da brincadeira, experienciando uma produção que compreendesse esses elementos. A peça seria criada pelos próprios alunos, orientada por professores do DEART e supervisionada pelo mesmo mestre encarregado da oficina de escultura. A bolsista de artes visuais preferiu manter-se em sua área de formação e optou por confeccionar os trajes, adereços e dar acabamento aos bonecos. Os outros três discentes, todos atores, atuariam.

A maioria dos alunos de graduação em Artes Cênicas que já tiveram contato com Teatro foi por meio do teatro atoral. Além disso, a maior parte das estéticas e técnicas abordadas durante nosso curso de licenciatura diz respeito ou àquelas do cânone clássico da encenação-teoria-atuação ou às abordagens contemporâneas do Teatro. Sobre as expressões dramáticas da Cultura Popular nada, ou quase nada, é abordado. Sendo assim, num primeiro momento, uma experiência com o Teatro de Bonecos Popular em sala-de-aula era inédita. Os três discentes do projeto de extensão *Mamulengando Teatro de Bonecos da UFRN* e o bolsista de Iniciação Científica, que lhes fazia companhia, em que pese fossem todos do interior do Rio Grande do Norte, nunca tinham tido esse contato. Se por um lado houve dificuldade, por outro, transcorreu o alumbramento natural de três jovens diante da descoberta da amplitude de possibilidades do teatro popular como fonte para a criação artística.

Vestindo os principais personagens-tipo entre os dedos, se puseram a improvisar sobre os temas das *passagens* da tradição: sexo, comida e bebida, sátiras políticas, religiosas e histórias fantasiosas e assustadoras. Juntadas as contribuições de cada ator durante as improvisações, uma escaleta de 12 cenas foi organizada pelo professor André Carrico, que assumiu a dramaturgia da experiência. Assim, o que desenhamos foi um roteiro de ações. O texto no Mamulengo é sempre improvisado.

Uma das preocupações do professor-pesquisador-orientador, como de resto, a de sua pesquisa e a dos dois projetos aos quais a brincadeira estava atrelada, foi manter o vínculo estético e temático do experimento aos códigos da tradição compartilhada pelo mestre. Ao mesmo tempo, uma das questões provocadas por ele durante os ensaios foi: até que ponto manter as convenções de origem do gênero ou as adaptá-las aos novos contextos da produção cultural dos dias atuais? Desde as aulas teóricas que antecederam a oficina até às disciplinas por nós ministradas, sempre encaminhamos as discussões para o dilema das relações entre os brincantes e as contingências contemporâneas, bem como os limites entre tradição e renovação.

Em relação à utilização de armas na passagem da briga de João Redondo com Baltazar, por exemplo, optou-se por manter o facão. Já no que diz respeito ao papel do negro, muitas vezes subalterno na dramaturgia tradicional do Mamulengo, se houve o interesse de denunciar sua condição de exploração, também houve o cuidado de colocá-lo não como vítima, mas como herói. O próprio Capitão João Redondo, geralmente retratado como branco, na nossa brincadeira, é um afrodescendente. Os outros dois protagonistas da peça, Baltazar e Minervina, também são negros. Também em relação aos chistes de conotação sexual e aos palavrões decidimos cautela, porquanto já sabíamos que nossa apresentação na Semana da Ciência, Tecnologia e Cultura (CIENTEC) incluiria crianças e professoras na plateia. E a dimensão ideológica da *franqueza* dos bonecos não passou distante de nossa peça, denominada *As Bravatas de Baltazar nas Terras de João Redondo*: sombria conjuntura política nacional, no momento, se fez presente em chistes e piadas do enredo.

Finalmente, mestre Emanuel veio assistir a dois ensaios. De início, considerou a brincadeira um pouco *triste*, disse que faltava-lhe *graça*, mas elogiou a destreza dos discentes dentro da empanada. O mestre também enfatizou a importância da troca de vozes no caso dos atores que manipulavam mais de um mamulengo e a *empunhadura* dos fantoches em cena, para que não apareçam curvados.

A estreia ocorreu em outubro, durante o maior evento da universidade, a CIENTEC. Por enquanto, foi a única apresentação da brincadeira. Almejamos que, no próximo ano, esse experimento cênico seja apresentado publicamente para escolas. Em alguns casos, elas poderão se dirigir ao Museu Câmara Cascudo, noutros, a brincadeira poderá ir até a escola. A peça ficará à disposição da UFRN – a depender da disponibilidade dos participantes e da demanda – para outras exposições em eventos dentro ou fora da universidade.

Há a possibilidade de mais duas funções ainda em 2017. Em relação aos objetivos de transmissão de saberes-fazer via mestre-aprendizes e também ao produto final, isto é, um elenco de 12 bonecos, é possível afirmar-se

que nossos objetivos foram alcançados. Todos os participantes da oficina, assim como mestre Emanuel, ficaram muito satisfeitos e assimilaram conhecimentos tradicionais em confecção de fantoches. Em relação às *Bravatas de Baltazar nas Terras de João Redondo*, em que pese o empenho na participação dos discentes do elenco, a boa aceitação do público na estreia e os elogios do próprio mestre, ainda é cedo para se averiguar o alcance da experiência.

## REFERÊNCIAS

ALCURE, Adriana Schneider. *A Zona da Mata é Rica de Cana e Brincadeira: uma etnografia do Mamulengo*. 361 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BORBA FILHO, Hermilo. *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*. São Paulo: Nacional, 1966.

BROCHADO, Izabela Costa. *Mamulengo Puppet Theatre in the socio-cultural context of 21th century Brazil*. Tese - Doutorado, Trinity College. Dublin, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2013.

PIMENTEL, Altimar. *O Mundo Mágico de João Redondo*. Rio de Janeiro: Minc-INACEN, 1988.

SANTOS, Fernando Augusto G. *Mamulengo, um povo em forma de boneco*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.